

ACTA ALEXANDRINORUM: CENÁRIO DE “RESGATE” DOS DOCUMENTOS E ALGUMAS POLÊMICAS HISTORIOGRÁFICAS

Joana Campos Clímaco*

Resumo: O presente artigo pretende apresentar e discutir algumas polêmicas historiográficas que se realizaram no cenário editorial de um conjunto textual alexandrino denominado *Acta Alexandrinorum*. Os textos foram escritos entre os sécs. II e III d.C., e narram embates de alexandrinos com os imperadores romanos, e foram divulgados aparentemente com a intenção de questionar o domínio imperial. Mas o agrupamento dos textos e sua caracterização como gênero é obra de seus editores, já que não se conhece a autoria dos textos. Deve-se ressaltar, portanto a especificidade de cada fragmento, além de seus elementos comuns.

Palavras-chave: *Acta Alexandrinorum*, Alexandria, Egito romano, papirologia.

*ACTA ALEXANDRINORUM: SCENE OF RECOVERY OF THE DOCUMENTS AND A FEW
HISTORIOGRAPHICAL CONTROVERSIES*

Abstract: The present article intends to present and discuss a few historiographical controversies that took place in the editorial context of group of Alexandrian documents named *Acta Alexandrinorum*. The texts were written between the II and III centuries and recount the disputes involving Alexandrians and the Roman emperors, and were apparently published with the intention to question the imperial control. However, the process of grouping the texts and their definition

* A autora é doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Norberto Guarinello. O e-mail para contatos é: joanaclimaco@hotmail.com

Joana Campos Clímaco

as a gender was a work of their editors, as their authors are unknown. Therefore, the specificity of each fragment should be emphasized, along with their common elements.

Key-words: *Acta Alexandrinorum*, Alexandria, Roman Egypt, papyrology.

O objetivo do presente artigo é propor algumas considerações a respeito de textos alexandrinos produzidos no cenário imperial romano, conhecidos como *Acta Alexandrinorum*, ou Atos dos Mártires Pagãos¹. A intenção é ilustrar brevemente o contexto acadêmico de estruturação do conjunto textual alexandrino. Pretende-se discutir como a edição, publicação e divulgação de uma fonte acaba carregando muito dos ideais de seus editores, que concedem ao documento certas definições que acabam sendo relativamente cristalizadas quando a fonte é editada.

A intenção é atentar para esse primeiro momento de “resgate” do grupo de textos, enfatizando o quanto seu significado foi de certa forma produto e responsabilidade de seus editores. Esboçaremos também uma breve discussão bibliográfica a respeito de como as fontes são entendidas modernamente. Inicialmente, procuraremos delinear a complexidade do cenário em que a papirologia se desenvolveu com o fim de se compreender o processo em que as fontes foram resgatas. Em seguida, percorremos rapidamente o ambiente acadêmico em que os textos foram editados, publicados e agrupados, resultando na atual nomenclatura, *Acta Alexandrinorum*. E por fim, apresentaremos um mapeamento bibliográfico a respeito dos textos, enfatizando alguns eixos de análise pelos quais os textos foram comumente definidos na historiografia, no que se refere ao seu contexto de produção, sua autoria e suas motivações comuns.

¹ MUSURILLO, Herbert. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954.

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

Antes de tratar propriamente dos textos, é interessante retomar brevemente o contexto em que sua produção se insere. Dez anos depois de sua fundação por Alexandre o Grande em 331 a.C., Alexandria torna-se capital do Egito (substituindo a antiga capital faraônica Mênfis), além de sede da nova dinastia ptolomaica. Em quase trezentos anos de governo ptolomaico, a cidade se firmou como um grande centro cosmopolita de enorme destaque cultural e comercial no Mediterrâneo. Com a expansão do poderio romano, a cidade era já considerada a segunda mais importante do mundo helenizado, justamente pela sua posição estratégica para a comercialização, e a influência cultural exercida pelo seu Museu e Biblioteca, que atraíam para a cidade elementos de grande destaque intelectual de todo o mundo mediterrâneo.

A fundação de Alexandria por uma elite helenizada e a dedicação dos primeiros ptolomeus à sua construção e embelezamento, além de concederem à cidade instituições tipicamente gregas, a caracterizam como uma espécie de *polis* dentro do Egito. Mas sua composição cosmopolita e a força da tradição egípcia mais antiga, além da cidade ser sede de uma dinastia real, já são fortes elementos que esvaziam a sua caracterização como uma cidade-estado grega². No entanto, apesar de limitado pelo poder real/macedônio, a cidade conquistou grande autonomia de decisões no período ptolomaico e a cultura grega foi constantemente reforçada e estimulada pela dinastia.

Com a derrota de Cleópatra e Marco Antônio em 31 a.C. por Augusto, a era ptolomaica chega ao fim e Alexandria entra decisivamente na esfera de influência imperial, tornando-se a capital da província romana do Egito. A princípio o poder imperial foi bem aceito no território através da aproximação romana das elites de origem grega e mais privilegiadas de Alexandria, além de uma série de

² DAVIS, Stuart. *Race-relations in Ancient Egypt: Greek, Egyptian, Hebrew, Roman*. London: Methuen & Co. Ltd., 1951, p. 48.

estratégias para manter o Egito próspero e pacífico, principalmente no séc. I d.C. No entanto, aos poucos, os alexandrinos começam a ressentir várias mudanças trazidas à cidade pelos novos líderes, principalmente a perda de sua autonomia política, já que a autoridade maior estava agora representada pela lei romana. Além disso, intensificam-se também os conflitos por *status* entre seus diversos grupos sociais, principalmente entre alexandrinos (representados pela elite grega) e judeus, já que estes começam a conquistar privilégios antes restritos àqueles. Assim, os *Acta* teriam sido produzidos nesse momento, talvez com a finalidade de criticar ou, ao menos, questionar algumas estratégias de poder romano, sempre realçando a importância de Alexandria e seus cidadãos.

Antes de tratar dos *Acta*, algumas palavras devem ser ditas a respeito da papirologia, já que tais fontes são dessa natureza. Abundantes descobertas de papiros escritos foram feitas entre o final do séc. XIX e início do XX. No entanto, pouco sabemos sobre o contexto de descoberta desses papiros, pois muitos foram resgatados por expedições clandestinas e sem controle, acabando por serem danificados e não receberem a preservação adequada, o que dificulta e torna inacessível a leitura modernamente. Além disso, muitos fragmentos foram sendo publicados separadamente e por diferentes equipes, daí a dificuldade em se saber precisamente o contexto e local de descoberta de muitos deles, pois nem todos os editores explicam todo o percurso de “resgate” dos escritos³. Por se tratar de uma ciência nova, também nos faltam estudos mais sistematizados que melhor expliquem a descoberta e sobrevivência dos papiros até os tempos modernos⁴. O campo acaba sendo então, muito inacessível e espinhoso aos

³ BAGNALL, Roger S. *Reading Papyri, Writing Ancient History*. London / New York: Routledge, 1995, p. 27.

⁴ Idem, p. 26.

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

que estão de fora do restrito círculo acadêmico responsável pela edição, publicação e manutenção dos papíros⁵.

Com o reinado ptolomaico e o emprego do grego como língua administrativa, ocorreu um grande aumento de instituições burocráticas que funcionavam por meio da escrita. No período romano, a língua grega era predominante em quase todos os setores, mais um fator que facilitou a expansão do poder imperial, que seria provavelmente dificultado se tivesse encontrado uma pluralidade de línguas nos lugares em que pretendia se estabelecer⁶. Apesar do letramento ser ainda restrito, com a difusão da cultura grega iniciou-se também uma era de divulgação da educação grega nos setores letrados. Assim, núcleos gregos do Egito dependiam grandemente da cultura escrita e, conseqüentemente, se manifestavam através dela, embora a oralidade predominasse em muitas esferas.

O papiro era usado no Egito desde os tempos mais remotos e tornou-se disponível para o mundo grego desde o séc. V a.C., mas com o desenvolvimento burocrático do período helenístico, a demanda do material aumentou significativamente⁷. Com os romanos, a cultura escrita atingiu seu “ápice” como forma de regulamentar e ordenar a sociedade, apesar do acesso aos textos ser ainda privilégio de poucos⁸. Além do incremento burocrático, que fez crescer a necessidade por registros escritos, a escrita começou a adquirir novas funções mais ligadas ao dia a dia da população. Apesar dos escribas ainda se encarregarem da maioria dos textos legais e administrativos, a população também

⁵ BOWMAN, Alan K. “Papyri and Roman Imperial history: 1960-75” in: *Journal of Roman Studies* 66, 1976, p. 153.

⁶ THOMPSON, Dorothy J. “Cultura escrita e poder no Egito Ptolomaico” in: BOWMAN, Alan K. e WOOLF, Greg (orgs.) *Cultura escrita e poder no mundo antigo*. São Paulo: Editora Ática, 1998, p.2

⁷ FRASER, Peter M. *Ptolomaic Alexandria I-III*. Oxford: Clarendon Press, 1972, p. 141.

⁸ BOWMAN, Alan K. “O exército romano imperial: cartas e cultura escrita na fronteira norte” in: BOWMAN, E WOOLF, op. cit., p. 12.

começou a usar a escrita para uma variedade de propósitos. É certo que a maioria da população ainda era iletrada, mas o que caracteriza a sociedade do Egito greco-romano como uma sociedade letrada é que mesmo para aqueles que não tinham acesso à escrita, a familiaridade com a prática se expandira, pois de alguma forma eles conviviam diariamente com textos⁹.

A escrita começou a servir a propósitos mais utilitários, além de simbólicos e literários como anteriormente¹⁰. Ou seja, o que é distintivamente romano no que se refere à escrita não é apenas o seu abundante uso, já que diferentes sociedades fizeram uso da escrita por muitos milênios. O que é novo nesse momento é a disseminação da escrita para os mais variados fins, visando também questões rotineiras e não documentadas anteriormente. Peter Parson ressalta que muitos escritos de papiro preservados eram textos de rascunho, registros diários que os egípcios jogavam no lixo, mas que seu clima acabou preservando para a posteridade¹¹. Assim, sua sobrevivência é casual e não “premeditada”, daí sua significância, pois através deles podemos ter contato com setores inacessíveis em outros locais e períodos do Império¹². Claro que o que sobreviveu é apenas uma parcela mínima do que foi escrito, então permanece o dilema: até que ponto podemos considerá-los como algo típico ou exceção do período e representativo do contexto imperial?

O papiro era geralmente usado para documentos mais importantes, mas no Egito, pela disponibilidade do material, também servia a outros propósitos e

⁹ CRIBIORE, Raffaella. *Gymnastics of the mind – Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*. New Jersey: Princeton University Press, 2001, p. 163.

¹⁰ WOOLF, Greg. “Literacy” in: BOWMAN, Alan K., GARNSEY, Peter e RATHBONE, Dominic (eds.) *The Cambridge Ancient History*. 2. ed., vol. 11: *The High Empire, A.D. 70- 192*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 885.

¹¹ PARSONS, Peter. “Facts from Fragments” in: *Greece & Rome* 2. 29, 1982, p. 184.

¹² *Idem*, p. 191.

era muito reaproveitado¹³. Por tal motivo, a sua abundância no Egito greco-romano se justifica pela sua intensa produção no local, pois o país era o maior exportador do material para todo o Mediterrâneo, além de seu clima seco e árido, que favoreceram a preservação dos fragmentos em escala sem paralelos se comparado a outros locais. No entanto, a maior parte dos textos sobreviventes é proveniente da *Chora* e de outras cidades do Egito. A respeito de Alexandria, as evidências são mais escassas, pela condição desfavorável à preservação de vestígios na cidade¹⁴. Assim, o que dispomos de papiros referentes à Alexandria devemos à sua preservação fora de lá. Ou seja, são relatos originários da cidade, tratando de questões que a envolvem, mas que por algum motivo alcançaram outros locais do Egito e lá foram conservados.

Para contrabalancear a escassez de papiros de Alexandria, a cidade é a mais comentada entre historiadores, biógrafos e escritores do período greco-romano, por sua importante posição como capital do Egito, além do destaque econômico e cultural já mencionado. No entanto, esses escritos são em sua maioria narrativas da história alexandrina na perspectiva dos homens de poder, oficiais do Império ou pessoas envolvidas e comprometidas de alguma forma com os romanos. Assim, a importância dos papiros se justifica por serem documentos rotineiros, que tratam de questões diárias e imediatas e, portanto, têm menos intenção de ficar para a posteridade do que relatos que são escritos

¹³ WOOLF, op. cit., p. 882.

¹⁴ Inúmeros fatores causaram a perda de vestígios da cidade: terremotos, aumento do nível do mar (grande parte da cidade antiga foi coberta pelo mar), edifícios e ocupações modernas foram construídos em cima de prováveis sítios arqueológicos. Apesar de todas as condições desfavoráveis e da perda irreversível de vestígios, muitas descobertas têm sido feitas, através de projetos de escavações subaquáticas, o que tem aumentado o otimismo dos arqueólogos ao menos quanto a descobertas futuras de vestígios materiais. Ver: FRASER, op.cit, pp. 8, 9 e 10 e EMPEREUR, Jean-Yves. “Alexandria Rising” in: Christian Jacob e François de Polignac (eds.) *Alexandria, third century BC- The knowledge of the world in a single city*. Alexandria: Harpocrates Publishing, 2000, pp. 188-205; EMPEREUR, Jean-Yves. *Alexandria rediscovered*. London: Harcover, 1998.

com tal propósito¹⁵. Reportam eventualidades e situações cotidianas dos grupos menos privilegiados e das camadas mais baixas, enfim, do homem comum. Esse é outro aspecto que torna as descobertas de papiro ainda mais importantes, pois representam os maiores achados de escritos não oficiais do período, a documentação de situações cotidianas¹⁶. Os textos que analisaremos se encaixam parcialmente nessa categoria, pois foram encontrados em meio a esses textos, no entanto, deles se diferenciam em alguns aspectos, de que trataremos a seguir.

Apesar dos textos serem de autoria do grupo alexandrino de mais distinção, cultural e politicamente, seu ideal panfletário e de desafio ao poder dominante já os diferencia dos escritos literários do período que, majoritariamente, aprovam o poder imperial. Nesse sentido, “nadam contra a corrente” da tradição literária aristocrática romana. São também textos que narram julgamentos e diálogos de cidadãos proeminentes diante do Imperador, e discutem questões sociais que envolvem a cidade num nível mais geral, diferentemente dos papiros da *Chora*, que tratam majoritariamente de questões privadas. Assim, deve-se ter o cuidado em tentar definir e entender os documentos com os quais estamos lidando, pois por sua natureza fragmentária e autoria desconhecida são bem diferentes dos escritos literários da época, e também se distinguem da grande “massa documental” de papiros encontrados no Egito.

Roger Bagnall atenta para a dificuldade de se trabalhar com textos fragmentários, pois o leitor tem que confiar no editor para uma série de informações às quais não se tem acesso. Bagnall ressalta que nem todos os editores, no processo de publicação dos textos, explicitam as partes restauradas dos documentos com notas explicativas, muitos as preenchem com informações

¹⁵ BAGNALL, op. cit., p. 9.

¹⁶ Idem, p. 27.

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

resultantes de suas próprias conclusões e as inserem na tradução como parte do texto original. Por tal motivo, quando o leitor tem acesso ao texto já publicado ele não tem consciência da carga de criação do editor responsável pelo texto¹⁷. Como temos fragmentos isolados de seu contexto maior e que tratam de questões pontuais, o esforço interpretativo deve ser no sentido de estabelecer a conjuntura mais imediata do documento, ou seja, tentar entender o texto por ele mesmo. Um bom ponto de partida pode ser investigar a identidade e os interesses dos envolvidos e reunir informações a respeito dos cargos e instituições citadas na narrativa. Bagnall lembra, contudo, que mesmo a definição de cargos e instituições é carregada da mediação da bibliografia anterior e também não deve ser vista como um dado objetivo¹⁸. Além disso, ainda existe uma carência na historiografia de uma maior sistematização de dados dessa natureza¹⁹. Nos papiros, muito mais é comentado sobre a vida privada dos responsáveis por certos cargos e instituições do que de seu funcionamento mais preciso²⁰. Assim, deve-se ter o cuidado para não dar um grande salto do contexto mais imediato que o documento ilustra para a resolução de questões mais gerais²¹.

Os *Acta Alexandrinorum*, também conhecidos como *Atos dos Mártires Pagãos*, ou *Atos dos Alexandrinos* são textos referentes à Alexandria nos dois primeiros séculos de domínio romano²². O que dispomos da tal literatura se restringe a alguns fragmentos de papiro, dentre os quais alguns apresentam mais de uma versão. São textos escritos em grego, em geral no verso de documentos e registros burocráticos (a maioria registros de terras) de períodos um pouco anteriores. O estado lacunar da maior parte dos textos é crítico, mas

¹⁷ Idem, p. 30.

¹⁸ Idem, p. 91.

¹⁹ BOWMAN, op. cit., 1976, p. 163.

²⁰ BAGNALL, op. cit., 1995, p. 97.

²¹ Idem, p. 40.

²² MUSURILLO, op. cit..

de alguns ainda é possível uma reconstituição e comentários. Já os escritos muito fragmentários são mais difíceis de situar e qualquer posicionamento e interpretações são arriscadas, mas mesmo assim dão pistas de conteúdo e temas tratados. Cada texto ilustra um episódio isolado e o conjunto da documentação cobre um período aproximado de duzentos anos, entre os Principados de Tibério e Cômodo.

O agrupamento dos pequenos fragmentos de papiro, resultando em sua caracterização como corpo textual intitulado *Acta Alexandrinorum* foi obra de seus editores em fins do séc. XIX e início do XX. A partir de 1895 inicia-se uma “era” de descoberta de papiros no Egito, pela *Egypt Exploration Society*. Os maiores achados foram desse mesmo ano e de 1903, em meio a pilhas de lixo de Oxyrrhynchus. A partir daí, e com descobertas mais modestas na primeira metade do século, em diversos locais do Egito, os documentos começaram a ser analisados e editados. Esse processo, devido às dificuldades da época, foi lento e os diversos escritos foram sendo disponibilizados num núcleo muito restrito de estudiosos. A partir do momento que os textos se tornaram acessíveis ao círculo acadêmico, alguns dos seus editores começaram a discutir uma possível identidade entre alguns dos documentos e levantaram a hipótese da existência de um gênero textual em meio à dispersão. Assim, o agrupamento dos *Acta*, sua definição e nomenclatura, resultando na sua caracterização atual como um conjunto documental foi obra de seus editores. Devemos ressaltar o fato de não termos tido acesso à produção dos primeiros editores, assim, por vezes nos faltam elementos para entender como tal estruturação foi feita.

Em virtude da falta de acesso à maior parte dessa produção, além da escassez de obras que tratem especificamente do tema, dependemos excessivamente da obra de Herbert Musurillo, *Acts of the Pagan Martyrs*. Em

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

especial no que se refere aos dados técnicos referentes ao processo de reconstituição, publicação, edição, local e data de descoberta dos textos. Musurillo se tornou uma referência obrigatória aos seus sucessores, pois geralmente quando fazem alguma menção aos *Acta*, o fazem com base no seu trabalho. Assim, sua obra o tornou o maior especialista dos papiros, pois reuniu os textos, novos e antigos, e os organizou e publicou de forma mais acessível aos estudiosos modernos²³.

Por se tratarem de documentos pouco conhecidos e de descoberta recente, mesmo com as poucas informações que temos a respeito do processo de edição dos textos, é interessante resgatar rapidamente o percurso de seus editores, que se tornaram seus maiores especialistas e comentadores, ao os agruparem e localizarem suas motivações, além de perpetuarem algumas visões referentes aos mesmos. Musurillo justifica sua inspiração em Ulrich Wilcken no prefácio, e expõe seu desejo de continuar o que seu antecessor teria iniciado pela disponibilidade de novos fragmentos naquele momento. Wilcken foi o primeiro a realizar um estudo mais sistematizado dos *Acta Alexandrinorum*, numa monografia intitulada *Zum alexandrinischen Antisemitismus* (o anti-semitismo alexandrino), publicada em 1909 (à qual infelizmente não tivemos acesso)²⁴. No contexto de edição dos outros textos (na primeira metade do século), alguns

²³ O autor revisou edições anteriores dos textos, que considerou precipitadas em muitos momentos, e propôs uma versão mais colada ao texto grego e com menos interpretações do que poderia estar presente nas lacunas, como fez seu antecessor Von Premerstein, seu alvo maior de críticas. Sua proposta para os textos é mais cuidadosa no sentido de só traduzir realmente o que faz sentido como frase. Isso é verdade para os textos já editados e publicados, a partir dos quais ele propõe uma nova tradução, edição e depois de tudo, interpretação, categorização e crítica dos textos, mencionando também a importância de seus antecessores em todas as etapas anteriores. Mas ele também sugere a edição de textos antes não trabalhados, resultado de novas descobertas da sua época. Alguns mais fragmentários e dúbios ele não traduz, mas os publica, transcreve e inclui algumas notas filológicas, baseado na edição de seus antecessores. Nesse cuidado por vezes excessivo, ele deixou de fora partes que, apesar da impossibilidade da reconstituição mais precisa, ao menos fornecem importantes pistas a respeito do conteúdo.

²⁴ Idem, p.5.

estudos foram realizados, mas no geral são interpretações elaboradas pelos editores de cada fragmento no seu contexto de publicação e lançados em formato de artigo para periódicos da época. Enfim, são estudos que tiveram uma circulação muito restrita entre os acadêmicos envolvidos no processo, daí a dificuldade de acesso a eles.

No processo editorial dos documentos, muito começou a ser debatido acerca do seu propósito, de sua natureza, expansão e circulação. Um ponto que foi muito discutido pelos editores diz respeito a sua legitimidade como fonte histórica, pois entendem que seu ideal de propaganda esvaziaria seu conteúdo histórico. Muitos comentadores viam os textos como relatos de ficção, enquanto outros atribuíram a eles completa historicidade, por serem relatos provenientes de arquivos oficiais. Wilcken foi o primeiro a sugerir que os *Acta*, embora históricos, apresentam evidências de terem sido alterados e re-trabalhados em vários aspectos, mas, apesar disso, dever-se-ia aceitar sua historicidade, independentemente de serem documentos oficiais ou não. O autor ressalta que enquanto a alguns foram acrescentados elementos literários, outros pareciam não ser absolutamente baseados nos textos originais²⁵.

Como os acadêmicos que têm os *Acta* como objeto central de estudo são, em geral, seus editores, são eles obviamente os que realizaram estudos mais elaborados a respeito da documentação. Além desses estudiosos, muitos mencionam os documentos em estudos referentes a outros temas, conseqüentemente o fazem geralmente em poucas palavras. No entanto, grande

²⁵ Idem, pp. 259 e 260. Alguns outros acadêmicos (citados por Musurillo) têm que ser lembrados, por serem justamente os primeiros editores dos *Acta*, responsáveis pela sua descoberta e publicação, entre o final do séc. XIX e primeira metade do séc. XX. Assim, são os responsáveis pela acessibilidade de um novo conjunto documental alexandrino, até então desconhecido pelos acadêmicos de todo o mundo, são eles: C.H. Roberts, W. Schubart, H.C. Youtie, R. Reitzenstein, G. Vitelli, M. Norsa, Anton von Premerstein, P. Jouguet, Uxkull-Gyllenband, B. P. Grenfeld, A. S. Hunt, Theodore Reinach, Fritz Krebs, H. Lietzmann, W. Weber.

parte dos comentários que temos a respeito dos textos é originária de tais estudiosos, por isso é importante um mapeamento das visões mais comuns sobre os documentos elaboradas por tais acadêmicos. Nesse sentido, passemos agora a uma discussão a respeito das interpretações de tais editores e comentadores posteriores, com base numa ordem cronológica e temática.

No momento inicial de familiarização com os textos, como se pode observar no título da obra de Wilcken, eles foram lidos, essencialmente, como fontes de conteúdo anti-judaico. Grafton Milne (1924) sugere que nos últimos documentos, a propaganda anti-romana é mais intensa e aberta que nos primeiros, que expressam mais o sentimento anti-judaico²⁶. Stuart Jones (1926) enfatiza ainda mais o seu tom “violentamente anti-semita”²⁷. Visariam, com isso, enaltecer os líderes “nacionalistas” de Alexandria que morreram por se opor aos romanos. Milne (1928) sugere também que os *Acta* ilustrariam a fusão de interesses entre egípcios e gregos da cidade, em completa oposição aos romanos²⁸. Rostovtzeff (1937) define os textos como uma “curiosa” coleção que obteve êxito entre a população helenizada do Egito. O objetivo seria demonstrar a oposição política ao Império, e as manifestações contra o judaísmo seriam também um modo indireto de manifestar o espírito anti-romano²⁹.

Harold I. Bell também deve ser citado por ter sido editor de grande parte dos primeiros fragmentos encontrados. Bell não concorda em caracterizar os *Acta* como atos de martírio (o que já teria sido sugerido por editores anteriores),

²⁶ MILNE, Grafton. *A History of Egypt under Roman Rule*. London: Methuen & Co., 1924, p. 55.

²⁷ JONES, Stuart H. “Claudius and the Jewish question at Alexandria” in: *Journal of Roman Studies* 16, 1926, p.32. Stuart Davis também acredita nessa possibilidade de autoria única, pelas semelhanças entre os textos e sua construção literária. Ver: DAVIS, Stuart. *Race-relations in Ancient Egypt: Greek, Egyptian, Hebrew, Roman*. London: Methuen & Co. Ltd., 1951, p.121.

²⁸ MILNE, Grafton. “Egyptian Nationalism under Greek and Roman Rule” in: *Journal of Egyptian Archaeology* 14, 1928, p. 231.

²⁹ ROSTOVTZEFF, Michael I. *Historia Social y Económica del Império Romano*. Tomo Primeiro. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1937, p.230.

pois nem todos os textos narram eventos dessa natureza. Os temas mais constantes são considerações a respeito dos direitos dos alexandrinos e da tirania de Roma. O autor acredita que pelo estilo da escrita e da letra não se tratariam de documentos oficiais (1932)³⁰. Em um artigo posterior, Bell ressalta a semelhança dos *Acta* com os atos cristãos no que se refere ao espírito e método de composição e argumenta que onde o tom de propaganda é mais forte, o valor histórico da documentação é mais questionável (1941)³¹. A literatura teria atingido grande popularidade entre os alexandrinos por tratarem os imperadores de forma desafiante e sem temor (1948)³².

Talvez em resposta a Bell, C. Bradford Welles (1936) caracteriza os textos como uma literatura de martírio que se popularizou no início do período romano e justifica que suas raízes (a descrição dos últimos momentos de vida de homens que morreram em nome de uma causa) estão na literatura greco-romana mais antiga. Tal literatura chegou ao seu “auge” e momento mais expressivo no martírio cristão³³. Provavelmente os fragmentos pertenciam a um volume da *Historia Calamitatum* composto em Alexandria durante a perseguição de Caracala, com o objetivo de relembrar os ancestrais dos alexandrinos para servir de consolo aos problemas do momento³⁴.

Musurillo (1954) justifica a origem de sua curiosidade pelos textos por meio da leitura do texto de C. Bradford Welles, quando começou a questionar a possível relação entre os atos de martírio pagão e os relatos de martírio cristão posteriores. Grande parte de sua já citada obra é, portanto, dedicada a tal análise.

³⁰ BELL, Harold I. “The Problem of the Alexandrian Senate” in: *Aegyptus* 12, 1932, p. 176.

³¹ BELL, Harold I. “Antisemitism in Alexandria” in: *Journal of Roman Studies* 31, 1941, pp. 4, 5, 11, 12 e 14.

³² BELL, Harold I. *Egypt from Alexander the Great to the Arab conquest*. Oxford, 1948, p. 89.

³³ WELLES, Charles B. “A Yale Fragment of the Acts of Appian” in: *Transactions of the American Philological Association* 67, 1936, pp. 7 e 8.

³⁴ *Idem*, p.9.

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

Musurillo sugere a possibilidade de os primeiros terem servido de estímulo e inspiração aos segundos³⁵. No entanto, ele constata que as semelhanças se justificam mais por contextos aproximados que acabaram por gerar respostas parecidas. Ou seja, tanto alexandrinos quanto cristãos tinham recebido duro tratamento dos romanos, e tiveram que se submeter a condenações semelhantes, e, além disso, pretendiam que os episódios heróicos ficassem para a posteridade. Apesar das diferenças, Musurillo entende os *Acta* como relatos de martírio de um tipo muito peculiar, pois considera como mártir todo aquele que entrega sua vida em defesa de um ideal ou causa, não necessariamente de conotação religiosa³⁶. No que se refere ao anti-judaísmo, Musurillo pondera que ele só é observável onde os judeus são realmente citados, não deve ser, portanto, visto como um dos temas principais dos *Acta*. Na sua visão, é principalmente o rancor anti-romano, expresso através da exaltação dos “mártires alexandrinos” que caracteriza os *Acta*, algo que não encontra paralelos em outros gêneros literários e que levou historiadores a considerarem-nos como a propaganda mais violenta contra o Império³⁷.

Fergus Millar (1977) é o primeiro a focar um pouco mais a importância das fontes, sobretudo no que se refere ao modo com que os diversos imperadores são retratados e, como isso serve para ilustrar o tipo de relação que estabeleceram com as elites provinciais. Millar define os *Acta* como exemplos clássicos de embaixadas e audiências nas quais os soberanos eram auxiliados pelos *amici*, e os procedimentos ocorriam na forma de trocas verbais entre os partidos e os príncipes³⁸. Mesmo que algumas narrativas sejam fictícias, a forma “pseudo-documental” em que foram construídas sugere que relatos formais de

³⁵ MUSURILLO, *op. cit.*, pp. 243 e 262.

³⁶ *Idem*, pp. 236 e 275.

³⁷ *Idem*, p.258.

audiências imperiais eram guardados. Ou seja, Millar considera os textos evidências do sistema de comunicação entre Imperador e provinciais. Mesmo que as embaixadas e petições fossem resultados de conflitos e polêmicas entre dois partidos, os discursos dos envolvidos eram sempre dirigidos ao Imperador³⁹.

Naphtali Lewis (1983) classifica os documentos como uma literatura tendenciosa de circulação clandestina, que visaria propagar o sentimento anti-judaico e o orgulho cívico dos alexandrinos, mas principalmente estimular a indignação contra os romanos. A literatura tinha como fim a leitura privada e serviria para expressar a raiva através da palavra e não da ação⁴⁰. Do mesmo modo, Barraclough (1984) ressalta nas fontes seu conteúdo de oposição ao judaísmo, ressentimento contra o domínio romano e a intenção de reforçar o orgulho da cultura grega entre os alexandrinos⁴¹. Diana Delia (1988) tem os *Acta* como uma literatura propagandística e de intenso “fervor nacionalista”, que se destinava a reforçar a solidariedade entre os alexandrinos e exaltar seus ânimos para a subversão através da denúncia e crítica aos romanos. Visava “inflamar” as paixões alexandrinas, denunciando o favorecimento dos romanos aos judeus⁴². Eleanor G. Huzar (1988) define a documentação como episódios imaginários limitados como fontes históricas, que servem, porém, para ilustrar o ambiente

³⁸ MILLAR, Fergus. *The emperor in the roman world: 31 BC – AD 337*. London: Duckworth, 1977, p.234.

³⁹ Idem, pp. 230, 234 e 235. Millar ressalta que pouco se sabe dos registros das audiências e de como eram feitos, mas é provável que existissem secretários encarregados dessa tarefa e que cópias fossem feitas. As audiências geralmente terminavam com um pronunciamento verbal do Imperador, geralmente auxiliado por um conselheiro.

⁴⁰ LEWIS, Naphtali. *Life in Egypt under Roman rule*. New York: Oxford University Press, 1983, p. 189.

⁴¹ BARRACLOGH, Ray. “Philos’ politics, Roman rule and Hellenistic Judaism” in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini. (eds.) *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt II.21.1*, 1984, pp. 423 e 424.

⁴² DELIA, Diana. *Alexandria Citizenship during the Roman Principate*. Atlanta: Scholars Press, 1991, pp. 117, 118 e 288.

hostil diante dos romanos e dos colaboradores judeus. Foram provavelmente baseados em julgamentos reais, mas alterados para delatar a tirania romana e resgatar a independência alexandrina⁴³.

Ramsay Macmullen (1992) entende os *Acta* como uma documentação que evidencia o desprezo aos egípcios, ódio aos judeus, e, no geral raiva, mas também aprovação aos imperadores romanos. Acredita ainda, que o conteúdo anti-romano dos escritos tem um tom de pretensão à superioridade cultural grega. Assim, as fontes enfatizam a herança cultural helênica, através da exaltação aos “heróis” alexandrinos perseguidos pelas autoridades. Macmullen assinala ainda os aspectos em comum com os atos de martírio cristão⁴⁴. John Barclay (1996) e John Collins (2000) afirmam que nos textos os imperadores são sempre retratados se contrapondo aos alexandrinos e inclinados a favor dos judeus, pela influência “maligna” que eles exerceriam sobre os romanos. Barclay acredita que as hostilidades locais resultariam na intensificação do sentimento anti-romano⁴⁵. Collins salienta a elevada carga ficcional dos *Acta*, que impede a confiabilidade em seus detalhes, no entanto, elucidam a respeito do ambiente conflituoso em que viviam os habitantes de Alexandria⁴⁶.

Alan Bowman considera que os primeiros textos dos *Acta* têm uma base mais documental, enquanto os últimos são mais declaradamente panfletários.

⁴³ HUZAR, Eleanor G. “Alexandria ad Aegyptum in the Julio-Claudian Age” in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini. (eds.) *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt II.10.1*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1988, pp. 621, 622, 636 e 666.

⁴⁴ MACMULLEN, Ramsay. *Enemies of the Roman order*. London / New York: Routledge, 1992, pp.84, 87 e 89. Macmullen desenvolve bem a idéia da resistência ao poderio romano, que se expressou das mais variadas formas. Segundo ele, “energias” hostis e favoráveis ao Império estiveram presentes desde o início da expansão imperial, e se manifestaram das mais diversas formas, ou seja, pela literatura, filosofia, retórica e religião, ver: p.242.

⁴⁵ BARCLAY, John. *Jews in the Mediterranean Diaspora - From Alexander to Trajan (323 BCE – 117 CE)* Berkeley / Los Angeles/ London: University of California Press, 1996, p.72.

⁴⁶ COLLINS, John J. *Between Athens and Jerusalem. Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. Michigan: Eerdmans, 2000, pp. 141 e 142.

Bowman propõe que seus compiladores se basearam em fontes latinas e nos *commentarii* imperial para a elaboração dos escritos⁴⁷. Assim, nos primeiros o anti-semitismo é mais notável enquanto nos posteriores, os ânimos estão mais voltados contra os romanos. Ou seja, a mudança de motivações se explicaria temporalmente, pois após a revolta de 115-117 o judaísmo era uma questão “já resolvida” para os alexandrinos. Bowman salienta que o vínculo cronológico com os primeiros atos dos mártires cristãos, além da semelhança formal entre os dois gêneros, propõe algum tipo de relação entre eles. O autor pondera que os *Acta* têm alguma fundamentação factual pelos nomes de muitos envolvidos serem citados em outras fontes⁴⁸.

Em virtude da carga literária de grande parte dos fragmentos dos *Acta* e de seu ideal panfletário, vimos que muitos historiadores os negligenciam ou os desconsideram explicitamente como fontes históricas, pois acreditam que o objetivo de divulgar idéias destitui a documentação de sua historicidade. Aqui optamos por aceitar todos os relatos como documentos na medida em que são vestígios textuais de uma época, e, assim, podem ser analisados como representativos de seu contexto na medida em que repercutem almejos de indivíduos proeminentes da sociedade alexandrina. Mesmo que em alguns trechos observemos elementos mais literários, isso não é suficiente para desconsiderar a documentação. Dessa forma, sendo ou não provenientes de arquivos oficiais, e dotados ou não de acréscimos fictícios, os textos devem ser analisados como documentos históricos. E, mesmo que parcialmente, como qualquer escrito de qualquer período, são ilustrativos do ambiente de tensão social e política em

⁴⁷ BOWMAN, op. cit., 1976, p. 154. Peter Parsons também acredita nessa origem documental baseada nos *commentarii*. Os textos seriam então, a preservação da propaganda de patriotas alexandrinos que teriam lutado contra mestres romanos. PARSONS, op. cit, p. 192.

⁴⁸ BOWMAN, Alan e WOOLF, Greg. “Cultura escrita e poder no mundo antigo.” in: Bowman e Woolf (eds.), p. 12.

que foram produzidos.

No que se refere aos objetivos das fontes, podemos perceber que existe uma tradição historiográfica que define os *Acta*, inicialmente como textos de martírio, como já pontuamos acima, e posteriormente através de outros eixos, principalmente o anti-judaísmo, o seu conteúdo de oposição ao Império e exaltação da cultura grega. A maioria dos autores que tem os *Acta*, ou algum dos seus textos, como foco central de pesquisa, é anterior a Musurillo, ou seja, escreveu na primeira metade do séc. XX. Assim, ao evidenciarem na documentação aspectos de propaganda anti-judaica e anti-romana, fazem-no sob um viés contemporâneo, explicitando preocupações muito típicas do período em que escreveram, tais como, “nacionalismo”, “patriotismo” e “anti-semitismo”. Acreditamos que falar de exaltação a uma elite e sua cultura em contraposição a um poderio externo, não são aspectos suficientes para caracterizarem-na como nacionalista e nem patriótica. Exaltava-se um “elemento estrangeiro”, os gregos de Alexandria, cidade dentro do Egito, mas que não era considerada “egípcia” e nem os egípcios eram considerados seus representantes. Assim, como podemos falar em nacionalidade quando cultura, origem e etnia não são elementos necessariamente interligados?

Após Musurillo, muitos historiadores comentaram os *Acta* e ressaltaram sua importância. No entanto, geralmente citam a documentação em trabalhos referentes a outros temas. Ou seja, nenhum autor encontrado até agora tem os *Acta* como objeto central de pesquisa. Não estamos desmerecendo as reflexões dos historiadores em questão, já que eles propõem interessantes observações para o entendimento do tema. Queremos ressaltar apenas, que as vezes acabam se utilizando da documentação de modo superficial e a definindo em linhas muito gerais, além de a considerarem como fonte ilustrativa de temas que eles

pretendem realçar em suas pesquisas com outros enfoques, e referentes a contextos mais amplos. Um exemplo são os autores que trabalham com o judaísmo no mundo antigo, que tendem a definir a documentação essencialmente sob essa ótica. Ou seja, entendem os textos como evidências de anti-judaísmo em Alexandria, acabando por reduzir o seu alcance e seus objetivos a essa esfera.

Vimos que a preocupação dos acadêmicos no ambiente de edição, publicação e agrupamento dos escritos era classificar e categorizar os textos, ou seja, realçar e expor suas semelhanças. Dessa forma, os historiadores geralmente se referem aos *Acta* como um grande “bloco” ou gênero, mas deve-se ter em mente que o próprio agrupamento das fontes e sua nomenclatura são artificiais, daí as tentativas de definições gerais serem arriscadas. Por tudo isso, é visível a ausência de trabalhos que tratem especificamente da documentação, salientando a importância e a variedade de idéias que ela levanta. Não pretendemos negar a identidade entre os textos, ou entre alguns deles, mas sublinhar que qualquer tentativa de classificação ou generalização dos seus propósitos e conteúdos é arriscada, podendo desmerecer idéias e motivações aparentemente mais sutis.

Não se conhecem as autorias dos textos, e temos poucos elementos de acesso a elas, mas pela unidade de propósitos em determinados pontos, acredita-se que o conjunto seja obra de um grupo estruturado e coeso de Alexandria, que pretendia se posicionar e propagar certas causas num meio restrito. Rostovtzeff sugeriu que alguns tópicos dos *Acta* narram preocupações dos cínicos. Ou seja, os “heróis” alexandrinos seriam representantes diretos dessa filosofia, por denunciarem a tirania dos imperadores, e salientarem a nobreza e educação dos alexandrinos em oposição a dos dirigentes⁴⁹. A partir da reflexão de Rostovtzeff,

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

Musurillo argumenta que é visível no estilo de escrita dos *Acta* muita ressonância de escolas filosóficas e de vários gêneros literários gregos acessíveis ao círculo intelectual dos alexandrinos. No entanto, não acredita numa influência mais direta, já que os membros do Ginásio tinham tido acesso (pela tradição do Museu e da Biblioteca) a inúmeros escritos gregos antigos⁵⁰.

Musurillo propõe que o grupo ao qual se pode atribuir a autoria dos textos é a elite grega do Ginásio de Alexandria, pois em quase todos os escritos pode se notar menção e exaltação a eles⁵¹. Assim, o grupo alexandrino do Ginásio desejava se manifestar através dos relatos e fazer deles uma espécie de “cânone” de sua cultura e de seus ideais. Pierre Grimal destaca que, com a diminuição da influência dos antigos “círculos eloqüentes” diante das autoridades (como a *Boulé* anteriormente), começaram a recorrer a panfletos escritos, que visariam perpetuar idéias que teriam ação mais duradoura e a exerceriam sobre um público amplo. Assim, os panfletos eram o gênero histórico que mais se prestaria à análise política, tendo começado a circular com ainda mais força dentro de Roma no Principado⁵². A nova maneira de se exprimir pode ter estimulado os alexandrinos na estruturação dos textos, já que o acesso de alguns aos círculos imperiais permitiria também acesso a esse tipo de conhecimento.

É improvável que os relatos tenham surgido de uma “livre criação” dos membros do Ginásio, pois se observa que grande parte dos documentos são mais formais e, aparentemente, baseiam-se em atas judiciais e escritos oficiais, que teriam sido alterados para atender ao ideal de propaganda. Fergus Millar sugere que muitos editos imperiais eram copiados para servirem a leituras privadas e, comumente, entravam em circulação como textos literários, principalmente

⁴⁹ ROSTOVTZEFF, op.cit., p. 253.

⁵⁰ MUSURILLO, op.cit., p. 270.

⁵¹ Idem, pp. 273 e 274.

⁵² GRIMAL, Pierre. O Império Romano. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 67.

aqueles que serviam a algum interesse mais visível, ou que poderiam exercer influência mais direta sobre determinados grupos⁵³.

Apesar de os escritos terem sido encontrados em diferentes locais do Egito, todos eles aludem à Alexandria. A variedade de locais em que a documentação foi encontrada é um fator que indica uma, ainda que restrita, circulação e divulgação dos textos. Propõe também um ímpeto de expandir certas idéias correntes na cidade para além dos seus limites. Mesmo que os originais tenham sido produzidos lá (e pela precária sobrevivência dos vestígios da cidade não tiveram condições de preservação), teriam sido posteriormente copiados e atingido outros locais. De alguns textos sobreviveram mais de uma versão, com leves alterações, sugerindo cópias e reedições, ou ainda, alterações dos originais. As diferentes recensões de um mesmo texto são mais um indício de que os documentos tiveram repercussão no meio em que circularam.

A expansão dos relatos por diferentes locais do Egito indica que a audiência pretendida não era exclusivamente de alexandrinos do Ginásio. Harold Bell salienta que as grandes descobertas de papiro em Oxyrrhynchus mostram que havia lá uma significativa quantidade de literatura grega disponível para o estudo, podendo ter formado na cidade um expressivo público letrado⁵⁴. Além disso, muitos alexandrinos tinham também propriedades na *Chora* e em algumas grandes cidades, principalmente no Médio Egito, como Oxyrrhynchus, Hermópolis e Arsinoé⁵⁵. Em especial no séc. II e III, a presença de alexandrinos em Oxyrrhynchus era perceptível, como também era intensa a troca comercial entre as duas cidades⁵⁶. Christopher Haas destaca que durante os três primeiros

⁵³ MILLAR, op. cit., pp. 255 e 256.

⁵⁴ BELL, op. cit., 1948, p. 81.

⁵⁵ ABD-EL-GHANI, Mohammed. "Alexandria and Middle Egypt: Some Aspects of Social and Economic Contacts under Roman Rule" in: HARRIS, William V. & RUFFINI, Giovanni (eds.) *Ancient Alexandria between Egypt and Greece*. Leiden/ Boston: Brill, 2004, p. 169.

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

séculos de domínio romano no Egito era comum que magistrados alexandrinos também desempenhassem magistraturas na *Chora*⁵⁷. A presença dos textos em locais fora de Alexandria pode ser um indício de trocas entre suas elites e as de Alexandria, talvez para reforçar a importância da cidade diante das que estavam se destacando nesse momento e denunciar numa maior escala os motivos de insatisfação ao poder romano. Ou seja, mesmo que os escritos tenham sido produzidos por um específico grupo de Alexandria, talvez o público visado fosse mais amplo e ambicionasse alcançar ao menos “simpatizantes” em outras cidades, ou ainda, deixar transparecer as insatisfações dos alexandrinos para além dos limites da cidade.

No que se refere ao ambiente de produção dos *Acta*, a análise paleográfica dos fragmentos sobreviventes indica que seu período de escrita se situa entre o final do séc. II e início do III, ou seja, alguns consideravelmente distantes dos eventos que narram, outros mais próximos. A distância cronológica entre produção dos textos e contexto narrado sugere que eles tiveram uma produção realmente posterior ou apenas uma circulação mais tardia. Rostovtzeff propõe que os textos teriam sido criados até o final do séc. II e gradualmente, sendo fragmentos resultantes de um único livro sobre os mártires alexandrinos⁵⁸. Herbert Musurillo salienta que é provável que os originais tenham sido compostos separadamente no decorrer do séc. I e II d.C., e a partir daí, foram readaptados em várias ocasiões, provavelmente para responder às exigências do contexto específico⁵⁹. Mesmo que os textos sobreviventes sejam realmente cópias de originais do séc. I, tal distância cronológica evidencia que, senão a produção, ao menos sua popularização e divulgação foram mais tardias.

⁵⁶ CRIBIORE, op.cit., p. 54.

⁵⁷ HAAS, Christopher. *Alexandria in Late Antiquity: Topography and Social Conflict* (Ancient Society and History). Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1997, p. 56.

⁵⁸ ROSTOVITZEFF, op. cit., p. 253.

Apesar das especificidades de cada relato, que não devem ser desconsideradas, a produção dos escritos por um determinado grupo, com o ideal de afirmar idéias para um mesmo público nos permite conceber os *Acta* como um conjunto coerente de documentos. Outro eixo de união dos textos é a sua intenção de estabelecer diálogos com o Império. É perceptível na documentação que os alexandrinos demonstravam uma percepção ambígua do poder romano. O dilema era: se aliar-se a eles e manteriam sua posição privilegiada, mas, ao mesmo tempo, seriam condescendentes com suas formas de governar; ou encontrariam meios de se contrapor a eles, correndo o risco de ter seu *status* alterado, além de comprometer a posição proeminente do grupo. Essa “indecisão” talvez tenha sido a reação inicial dos alexandrinos ao novo poderio e diante da dúvida, o comando imperial estaria continuamente sendo cuidadosamente avaliado e observado por eles, para compreender o que dele se esperava e analisar até que ponto uma reação seria válida.

Acreditamos que essa teria sido a motivação inicial para a escrita dos *Acta Alexandrinorum*. Na documentação é notável um contexto de entendimento dúbio em relação aos novos líderes, manifestado por um coeso grupo de alexandrinos. Mas mesclavam-se a essas outras preocupações, que se revelariam aos poucos. A distinção dos alexandrinos do Ginásio, conquistada por sua educação, herança cultural e ascendência, permitiu-lhes assumir a liderança política da cidade em inúmeros momentos. Chegaram, inclusive, a preencher o “vácuo político” representado pela ausência da *Boulé* e alcançaram com isso substantivo espaço na esfera pública de Alexandria. Se no período ptolomaico tal grupo já tinha preponderância na execução de certos projetos cívicos, nesse cenário começaram a se projetar ainda mais como seus representantes políticos

⁵⁹ MUSURILLO, op. cit., p. 274.

diante dos romanos. Percebe-se nos escritos alexandrinos como tais cidadãos do Ginásio consideravam-se os “representantes naturais” da cidade, a sua liderança legítima, que não poderia ser contestada. Diante disso, resta pouca dúvida de que os tais alexandrinos foram os responsáveis pela produção e divulgação dos *Acta*.

Vemos nas fontes analisadas a tentativa de se circunscrever uma identidade alexandrina a mais restrita possível, privilégio apenas de um seleto grupo de nativos da cidade, que dispunham da mesma herança cultural e nobre. Muito é documentado em outros escritos do período sobre os conflitos entre alexandrinos e judeus em Alexandria e os documentos aqui analisados também sugerem a existência desses problemas. O anti-judaísmo está claro em inúmeros textos, a documentação indica, entretanto, que a oposição era mais resultante de questões políticas ou cívicas, tendo pouco de conteúdo religioso e étnico. Em alguns escritos, a postura anti-judaica é mais nítida que a insatisfação em relação ao Império. No entanto, também pode ser vista como evidência de indignação referente a mudanças sociais ocorridas na cidade sob os novos dirigentes. É importante ressaltar ainda, que as críticas dos alexandrinos a romanos e judeus tinham raízes e finalidades diferentes, daí serem observáveis também paralelamente. Claro que, sendo os romanos os que ditavam as regras e pela força que representavam, a repulsa em relação a eles era ativa e desafiante, mas também respeitosa, pois as possibilidades de conquistarem posições de prestígio no Império eram consideradas. Em relação aos judeus a repulsa era mais declarada, já que eles não eram os dirigentes, daí a oposição ser vista como menos perigosa do que a aversão aberta aos romanos.

Como a romanização tinha várias formas de se impor, as formas de reagir a ela também se expressavam de formas diversas. Ou seja, apesar de os

alexandrinos terem se beneficiado com a nova liderança, eles também tinham suas formas de se manifestar e resistir, mesmo sem grandes intenções de subverter a ordenação mais ampla do poderio romano. Assim, o fato de fazer esse tipo de idéia circular por escrito demonstra a intenção desses grupos de expandir seu descontentamento e a difusão de idéias era um meio comum de revelar insatisfações. Ainda mais em Alexandria, uma cidade que fez da cultura escrita sua “força”, esse tipo de manifestação seria uma das motivações para a produção e difusão dos textos.

Falar em propaganda anti-romana não significa falar em resistência violenta. Os textos visavam, aparentemente, propagar idéias e se expandir em círculos reduzidos. Observa-se, entretanto, uma forma de “resistência textual” ao poderio romano, que mesmo que não tenha tido grande repercussão ou ideal “subversivo”, não deve ser desconsiderada. Nesse sentido, mesmo que o conteúdo dos textos tenha caráter literário, apenas o seu ideal de expandir certo tipo de idéia nesse contexto já é algo muito expressivo. O importante era destacar a situação contemporânea dos alexandrinos para, a partir daí, tentar criar uma conscientização social e política na região. Assim, mesmo que a documentação visasse demonstrar a heroicidade de alguns alexandrinos como exemplos de amor pela cidade, o intuito principal era estimular a conscientização no presente e denunciar questões atuais e problemáticas. Isso seria feito através da circulação de idéias favoráveis a tal objetivo, ou seja, trata-se de uma resistência ao poderio romano através da palavra.

Não devemos, contudo, exagerar a dimensão da popularização e o alcance dos textos, já que nos faltam elementos para tal conclusão. Acredita-se que a divulgação foi moderada e acessível a um círculo restrito, pois se tivesse sido algo realmente grandioso, teríamos ao menos alguma menção direta dos textos

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

em outras fontes do período ou posteriores, o que não ocorre. Ou seja, se tivesse sido uma propaganda em larga escala, teria tido alguma repercussão nos escritos da época, que resultasse ao menos em algum comentário ao “fenômeno propagandístico”.

Mas qual teria sido o ímpeto inicial para a escrita dos textos? Acreditamos que o primeiro passo para a origem dos escritos tenha surgido da mera intenção dos alexandrinos do Ginásio de reunir os registros oriundos de suas articulações com os representantes imperiais. Documentos que poderiam oportunamente, servir para questionar acontecimentos pontuais na relação da cidade com os romanos. Num segundo momento, as polêmicas com a comunidade judaica podem ter servido de estímulo para intensificar ainda mais o questionamento quanto às inovações impostas pela romanização.

É provável, então, que a documentação tenha sido resultante de uma onda de questionamento dos membros do Ginásio e fruto do ambiente de discussão que ali se formou. Ou seja, inicialmente, a escrita dos textos não teria sido algo deliberado e nem surgido de um ímpeto momentâneo. Foi derivada, portanto, do amadurecimento das reclamações e dos anseios dos alexandrinos. Embora sua divulgação tenha sido algo pensado, a aparição dos textos foi progressiva e inicialmente despreziosa.

Os cidadãos do Ginásio começaram a reunir os escritos para formar uma espécie de arquivo da cidade, e no clima de questionamento que foi ali criado, começaram a reunir tais registros e elaborar também cópias de documentos oficiais a que tinham acesso. A partir daí, começaram a utilizar tais textos, copiá-los e refiná-los para que pudessem servir para a posteridade, como uma espécie de “memorial do Ginásio alexandrino”. Fizeram isso, utilizando-se de sua vivência política e das “armas” que tinham ao seu dispor (erudição, treinamento

em retórica, dramaticidade, experiência política e bom conhecimento a respeito de Alexandria). “Sofisticavam” os relatos com base nos episódios vividos por alguns de seus membros diante de oficiais romanos, com o intuito de manifestar denúncias pontuais sobre determinadas ocorrências.

Sugere-se, entretanto, que mesmo que a escrita dos textos tenha progressivamente alcançado uma pretensão mais geral; num primeiro momento, o surgimento dos textos atenderia a fins específicos. Ou seja, o “elo” de união dos escritos seria o projeto dos alexandrinos que se configurou a longo prazo (no decorrer de dois séculos), por um mesmo grupo responsável pela liderança do Ginásio.

Acreditamos que a decisão para a divulgação da documentação de fato resultou do contexto de maior insatisfação dos alexandrinos com o Império, que se manifestou com força e ficou mais nítido entre o final do séc. II e o início do III. Nesse momento, então, seriam retomados episódios anteriores vividos por aquele grupo, para relatar seus anseios e reforçar a sua adesão, sua história e seu orgulho de pertencimento a Alexandria; sentimentos que poderiam estar fragilizados em decorrência de inúmeras imposições dos romanos e por problemas pontuais vivenciados por seus cidadãos.

A divulgação dos textos teria tido um fim geral de crítica aos romanos, embora o seu surgimento tenha sido pontual e específico. Nesse sentido, sugerimos que esse fim geral é o eixo de união dos escritos, que se configurou pouco a pouco, ou seja, é o fator que caracteriza os textos como um “grupo documental”. No entanto, não se deve esquecer das especificidades que geraram os documentos num primeiro momento e que conferem a cada um deles sua unicidade. A base que lhes deu origem foi específica, pois surgiram de episódios isolados e foram adaptados para atenderem a projetos comuns: o de servir de

crítica e contestação ao poder imperial e reforçar a identidade e unidade do grupo do Ginásio através da exaltação ao grupo e à Alexandria. Pretendia-se, com isso, uma restrita circulação para criar uma conscientização nesse meio, embora o alcance espacial dos textos tenha sido considerável, como vimos pelos diferentes locais em que os fragmentos foram encontrados.

Todos os elementos ressaltados acima concedem a tais escritos alexandrinos um grande valor histórico, pois mesmo que alguns dos relatos tenham sido deliberadamente elaborados, ou, no limite, relatem episódios ilusórios e fictícios, os anseios e o “motor” para sua produção são de grande significação. Nesse sentido, os pequenos fragmentos de papiro iluminam diversos pontos a respeito de questões cívicas de Alexandria e permitem investigar as polêmicas vivenciadas pelos seus cidadãos e diferentes grupos sociais no contexto de sujeição ao Império.

Referências Bibliográficas

- ABD-EL-GHANI, Mohammed. “Alexandria and Middle Egypt: Some Aspects of Social and Economic Contacts under Roman Rule” in: HARRIS, William V. & RUFFINI, Giovanni (eds.) *Ancient Alexandria between Egypt and Greece*. Leiden/ Boston: Brill, 2004. Pp. 161-178.
- BAGNALL, Roger S. *Reading Papyri, Writing Ancient History*. London / New York: Routledge, 1995.
- BARCLAY, John. *Jews in the Mediterranean Diaspora - From Alexander to Trajan (323 BCE – 117 CE)* Berkeley / Los Angeles/ London: University of California Press, 1996.
- BARRACLOUGH, Ray. “Philos’ politics, Roman rule and Hellenistic Judaism” in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini. (eds.) *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.21.1, 1984. Pp. 417-553.

- BELL, Harold I. "The Problem of the Alexandrian Senate" in: *Aegyptus* 12, 1932. Pp. 173-184.
- _____. "Antisemitism in Alexandria" in: *Journal of Roman Studies* 31, 1941. Pp. 1-19.
- _____. *Egypt from Alexander the Great to the Arab conquest*. Oxford: Clarendon Press, 1948.
- BOWMAN, Alan K. "Papyri and Roman Imperial history: 1960-75" in: *Journal of Roman Studies* 66, 1976. Pp. 153-73.
- BOWMAN, Alan K. e WOOLF, Greg (orgs.) *Cultura escrita e poder no mundo antigo*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- COLLINS, John J. *Between Athens and Jerusalem. Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. Michigan: Eerdmans, 2000.
- CRIBIORE, Raffaella. *Gymnastics of the mind – Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.
- DAVIS, Stuart. *Race-relations in Ancient Egypt: Greek, Egyptian, Hebrew, Roman*. London: Methuen & Co. Ltd., 1951.
- DELIA, Diana. *Alexandria Citizenship during the Roman Principate*. Atlanta: Scholars Press, 1991.
- EMPEREUR, Jean-Yves. *Alexandria rediscovered*. London: Harcover, 1998.
- _____. "Alexandria Rising" in: Christian Jacob e François de Polignac (eds.) *Alexandria, third century BC- The knowledge of the world in a single city*. Alexandria: Harpocrates Publishing, 2000, pp. 188-205.
- FRASER, Peter M. *Ptolomaic Alexandria I-III*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- HAAS, Christopher. *Alexandria in Late Antiquity: Topography and Social Conflict (Ancient Society and History)*. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- HUZAR, Eleanor G. "Alexandria ad Aegyptum in the Julio-Claudian Age" in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini. (eds.) *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.10.1. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1988, pp. Pp. 619-668.

Acta Alexandrinorum: cenário de “resgate” dos...

- JONES, Stuart H. “Claudius and the Jewish question at Alexandria” in: *Journal of Roman Studies* 16, 1926. Pp. 17-35.
- LEWIS, Naphtali. *Life in Egypt under Roman rule*. New York: Oxford University Press, 1983.
- MACMULLEN, Ramsay. *Enemies of the Roman order*. London / New York: Routledge, 1992.
- MILLAR, Fergus. *The emperor in the roman world: 31 BC – AD 337*. London: Duckworth, 1977.
- MILNE, Grafton. *A History of Egypt under Roman Rule*. London: Methuen & Co., 1924.
- _____. “Egyptian Nationalism under Greek and Roman Rule” in: *Journal of Egyptian Archaeology* 14, 1928, p. Pp. 702-742.
- MUSURILLO, Herbert. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954.
- PARSONS, Peter. “Facts from Fragments” in: *Greece & Rome* 2. 29, 1982. Pp. 184- 195.
- ROSTOVTZEFF, Michael I. *Historia Social y Econômica del Império Romano*. Tomo Primeiro. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1937.
- WELLES, Charles B. “A Yale Fragment of the Acts of Appian” in: *Transactions of the American Philological Association* 67, 1936. Pp. 7-23.
- WOOLF, Greg. “Literacy” in: BOWMAN, Alan K., GARNSEY, Peter e RATHBONE, Dominic (eds.) *The Cambridge Ancient History*. 2. ed., vol. 11: The High Empire, A.D. 70- 192. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. Pp. 875-897.

Artigo recebido em abril de 2008.

Artigo aprovado em junho de 2008.